



A gambiarra e a *brazilian soul*

Apropriação, livre investigação de possibilidades e criação de valor, a partir de um novo olhar sobre os recursos materiais e imateriais

POR **RICARDO ALVES DE CARVALHO E LUIZA VAZ**

“Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.” O princípio da conservação da matéria, postulado por Antoine Laurent Lavoisier, em 1785, serve de exemplo irônico para o tema que vamos abordar. Antes da popularmente chamada “Lei de Lavoisier” tornar-se conhecida, esse princípio foi expresso pelo russo Mikhail Lomonósov (1711-1765) e estudado pelo filósofo grego Epicuro, que viveu até aproximadamente 270 a.C. Partindo do pressuposto de que os saberes – imateriais – também são capazes de se manter e transformar, ousamos expandir o campo de validade desse postulado. Como na natureza, ideias, objetos e tecnologias adquirem novas configurações a partir de interferências que sofrem e das relações que venham a estabelecer entre si.

Os conceitos de reaproveitamento, reciclagem e *upcycling*, hoje em voga, são parte de uma resignificação da interação entre o homem e o mundo. Dar novas interpretações e usos àquilo que temos à mão

– bens, habilidades e conhecimentos –, minimizando impactos ambientais e custos, é a tônica do momento.

A habilidade de encontrar soluções inventivas para situações desafiadoras, manipulando com liberdade os recursos disponíveis, é uma característica desejável em muitas esferas. Essa aptidão é tão significativa que pode ser percebida como um ativo profissional e pessoal, na medida em que capacita seu detentor para responder criativamente ao que a ele se apresenta. Na língua portuguesa, o vocábulo que melhor define, simultaneamente, a ação e o produto dela resultante, possui uma etimologia obscura: “gambiarra”. O registro mais antigo desse termo na literatura brasileira consta no dicionário de Francisco Caldas Aulete, de 1881. Somente nas últimas décadas do século 20, a palavra deixou de ter conotação unicamente depreciativa e passou a ser utilizada também como sinônimo de improvisação. O estigma do passado, no entanto, ainda não foi abandonado por completo.



Mesmo nos casos em que se reveste de irresponsabilidade – e não cabe aqui negar a ocorrência deles –, é possível reconhecer que a gambiarra se manifesta no pensar e no agir experimentais, livres, audazes. A dimensão lúdica que envolve o seu exercício também está presente na subversão do uso habitual de algum objeto, mecanismo ou conhecimento e, em especial, na aproximação entre elementos que não estão naturalmente em contato. A união pode ser considerada uma das marcas da gambiarra.

Foi pensando justamente em conectar o Museu do Amanhã à comunidade do seu entorno, que se concebeu o “Gambiarra – Museu Móvel”. Um equipamento multimídia, desenvolvido a partir de um carrinho de carga adaptado – a Gambiarra –, “exibe o conteúdo do Museu, desenvolve oficinas, ações e projetos, podendo ser utilizada pelas instituições locais e parceiras, com foco em educação, cultura, ciências e desenvolvimento social” (Museu do Amanhã, 2016). Ao circular nas áreas adjacentes ao Museu, o equipamento promove a conexão, o diálogo e a inclusão. À primeira vista, é surpreendente a presença dessa ação, que exulta a gambiarra em seus aspectos conceituais e materiais, no âmbito de uma organização dedicada às ciências e estreitamente vinculada à tecnologia. No entanto, além de estar em consonância com os valores éticos da sustentabilidade e convivência, que orientam o Museu do Amanhã, o “Gambiarra – Museu Móvel” também é compatível com os objetivos da instituição, de promover a inovação e transformar o modo como pensamos e agimos.

O antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin, uma das mais respeitadas vozes da atualidade, declarou que o Brasil é um “estimulante intelectual e humano” (Morin, 2015), por ter sido capaz de incorporar contribuições africanas e europeias que, desde a formação do Estado, se fizeram presentes na cultura nacional. De acordo com Morin, apesar da segregação racial, a diversidade que nos formou e constitui não rompeu a unidade cultural

que permeia nosso território. Ainda que, no século 20, movimentos separatistas tenham se estruturado, e, mais recentemente, grupos organizados defendam ideias emancipatórias na região Sul, essas manifestações são pontuais. O desejo de cisão não predomina no Brasil. Somos um país formado pela miscigenação, que tem como um dos seus grandes trunfos a maneira autêntica de nos relacionarmos e criarmos, conjugando o que nos é próprio com o que é estrangeiro. Na arte brasileira, merecem destaque, dois movimentos que guardam relação com essa característica: o Antropofagismo e a Tropicália.

Iniciado em 1928, com a publicação do Manifesto homônimo, assinado por Oswald de Andrade, o Antropofagismo propunha o desenvolvimento de uma produção artística e um pensamento brasileiro autônomos, mas em estreito diálogo com o ambiente internacional, possibilitando a revisão da nossa identidade em construção constante.

O fato de *Tarsila Popular* ter sido, recentemente, a exposição mais visitada da história do MASP – Museu de Arte de São Paulo, evidencia a relevância das questões levantadas pelo movimento e de como ainda reverberam em nossa sociedade. Entre as obras da mostra estava “Abaporu”, tela que inspirou Andrade a criar o Antropofagismo. Sobre o processo de Tarsila do Amaral na concepção do trabalho, Paulo Herkenhoff, curador, historiador e crítico de arte, observa: “[...] Tarsila dispensou a pesquisa intelectual e referências a objetos específicos; canibalizou o estilo de Picasso, Brancusi, Léger e Rousseau, incorporando-o a seu serviço” (2019). Liberdade, apropriação e reposicionamento aplicados a um pensamento inovador estão ali presentes, como nas gambiarras.

Título de uma obra de Hélio Oiticica (1937-1980) que fazia referência a símbolos da cultura brasileira, Tropicália ganhou corpo e se converteu em um movimento que ecoou não apenas nas artes visuais, mas também na música popular, no teatro e no cinema nacional. O trabalho, uma espécie de

A POSSIBILIDADE DE APLICAR INFORMAÇÕES E TECNOLOGIAS À MATERIALIZAÇÃO DE IDEIAS, SEM COMPROMETER E SEM AMARRAS, PODE SER O GRANDE DIFERENCIAL

estrutura labiríntica que convidava o espectador à participação ativa – e não apenas à reverente contemplação –, foi o pontapé inicial para desdobramentos que propunham a expansão da fruição artística por meio da incorporação de objetos, sujeitos e temas não habitualmente abrigados pelas instituições tradicionais. Conforme Oiticica, “museu é o mundo, é a experiência cotidiana” (1966).

Nesse sentido, o movimento do Museu do Amanhã, que expande seu raio de ação e ganha as ruas, assumindo a prática habitual da gambiarra como exercício na exploração de soluções para dificuldades vindouras e se abrindo para o diálogo, é bastante oportuno. Citando a artista conceitual norte-americana Yoko Ono, Oiticica afirmou: “Criar não é tarefa do artista. Sua tarefa é a de mudar o valor das coisas” (Braga, 2013).

Retomando a interpretação estendida da Lei de Lavoisier, “criar” sequer seria uma tarefa. A transformação, colocada como possibilidade única, não faz sentido senão para mudar o valor das coisas, tornando-as mais apropriadas ao atendimento das necessidades humanas, individuais e coletivas. No entanto, para que essa transformação aconteça, deve-se permitir testar. Uma espécie de *brainstorming* com as mãos na massa, que revele a potência do fazer – uma ação que estimula e coloca, à prova, ideias e teorias.

Na era digital, em que inovar é a palavra de ordem, a possibilidade de aplicar informações e tecnologias à materialização de ideias, sem compromisso e sem amarras, pode ser o grande diferencial de uma organização. Agir de forma experimental, unindo excelência técnica, habilidades sociais e referências culturais distintas, sem se limitar às ideias preconcebidas, em benefício de *stakeholders* e sociedade – esta seria a síntese da gambiarra contemporânea brasileira, aplicada ao universo corporativo.

RICARDO ALVES DE CARVALHO é professor associado da Fundação Dom Cabral, doutor em Sociologia pela Universidade Paris 7/Denis Diderot (França) e professor convidado do HEC Montreal (Canadá) e da Reims Management School (França).

LUIZA VAZ é consultora de arte contemporânea, pesquisadora nas áreas de cultura e humanidades, especialista em Artes Plásticas e Contemporaneidade pela Escola Guignard (Universidade do Estado de Minas Gerais) e em Estudos Diplomáticos pelo Centro de Direito Internacional (CEDIN).

PARA SE APROFUNDAR NO TEMA

AÇÃO 02: Gambiarra – Museu Móvel. *In*: **Relatório de Acompanhamento de Metas**: 1º de março de 2016 a 28 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://idg.org.br/sites/default/files/documentos/MDA-PLA-2017-004-RGM-4Q-A.pdf>. Acesso em: 1º set. 2019.

ANTROPOFAGIA. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo74/antropofagia>. Acesso em: 2 set. 2019.

BRAGA, Paula. **Hélio Oiticica**: singularidade, multiplicidade. São Paulo: Perspectiva, 2013.

PEDROSA, Adriano; OLIVA, Fernando (orgs.). **Tarsila popular**. São Paulo: MASP, 2019. (Catálogo de exposição).

PROGRAMA MILÊNIO. Edgar Morin: “é preciso ensinar a compreensão humana”. **Fronteiras do Pensamento**, 5 mar. 2015. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-compreensao-humana>. Acesso em: 1º set. 2019.

TROPICALIA. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3741/tropicalia>. Acesso em: 2 set. 2019.